

**UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU**

**ENTREVISTA IVO MARCOS THEIS**

Entrevista concedida ao Projeto  
“Universidade Regional de Blumenau e sua  
História” em 16/08/2000.

Entrevistadores: Balbino Simor Rocha &  
Ricardo Machado

BLUMENAU, SC

2000

I.M.T.: Ivo Marcos Theis

B.S.R.: Balbino Simor Rocha

R.M.: Ricardo Machado

I.M.T.: Acho que vale a pena puxar na linha do tempo a minha formação. Eu comecei a me sentir realmente alguém ligado a isto que estou fazendo hoje, voltando no tempo e lançando este olhar retrospectivo, quando entrei no jardim de infância, no bairro da Velha. Fui aluno da famosa professora Gaertner. Quem conhece Blumenau sabe que a mulher era uma referência em termos de educação infantil. Hoje em dia nós temos uma profusão de escolas desse tipo pela cidade. A realidade é bem distinta. Na seqüência, fui estudar os primeiros anos do primeiro grau, na época, o primário, na escola Adolfo Konder, que ficava no bairro da Velha. Isso tudo tem a ver com o fato de que a gente morava no bairro da Velha, claro. Fiz os quatro primeiros anos no Adolfo Konder. Do quinto ano em diante estudei no Santo Antônio. O Colégio Santo Antônio, na época, tinha um exame de admissão. Se você não passasse, teria que fazer o quinto ano, antes de entrar no primeiro ginásial. Eu fiz o tal exame de admissão e, passando, pude entrar no primeiro ano ginásial no Santo Antônio. Foi uma experiência muito interessante. Essa experiência está mais viva do que aquela do primário – e me marcou mais. Acho que há alguns detalhes que poderíamos explorar, por exemplo, o fato de que certamente eu era de uma família um pouco mais humilde, embora não necessariamente de uma família operária tradicional. Enfim, meu pai não era dono de mais de uma propriedade, ele só tinha a casa onde morava, não tinha carro até uma determinada época e, portanto, era um sacrifício enorme para ele financiar meus estudos no Santo Antônio. Estava lá eu, por assim dizer, um filho de uma família mais simples, no meio de pessoas melhor aquinhoadas do ponto de vista sócio-econômico. Eu lidei com isso muito mal, durante muito tempo, e achei que não conseguiria sobreviver aos “riquinhos” do colégio. Então é um negócio meio complicado. Por exemplo, isso aflorava quando eu participava de alguma competição esportiva. Guardei algumas lembranças que me marcaram muito. Os “ricos” levavam vantagem até no futebol, mesmo que a competência deles não fosse necessariamente a mesma. Bem, eu acabei fazendo também os dois primeiros anos do segundo grau no Santo Antônio. Mas, exatamente no segundo ano do segundo grau, eu



tinha que trabalhar, eu tive que sair para trabalhar. O Santo Antônio tinha um regime de aulas matutinas. No período vespertino tinha aulas de laboratório e de reforço. Até aquele momento eu não tive problemas de desempenho. Mas, as aulas de laboratório, eu não poderia frequentar. Foi muito interessante que, apesar do desempenho bastante razoável nas aulas, e ao mesmo tempo trabalhando, eu cheguei a um ponto que não poderia continuar tendo um bom desempenho em algumas disciplinas, justamente naquelas nas quais havia aula de laboratório à tarde. À tarde havia testes e provas que, por sua vez, tinham influência na média. De modo que acabei sendo reprovado, infelizmente em uma única disciplina. Isso foi em 1977. Estava terminando o segundo ano no Santo Antônio e reprovaria. As vésperas do exame final, estava passando um filme no hoje extinto Cine Blumenau, chamado "The song remains the same". Eu era um aficionado de Led Zeppelin. Aliás, continuo gostando. Bem, eu fui assistir as três seções no domingo da véspera. Na segunda-feira tinha um exame. Então acabou acontecendo o que tinha que acontecer. Eu acabei indo para o Pedro II no ano seguinte. Na disciplina em que eu havia reprovado, tirei uma nota muito boa, de tal forma que eu passei direto. O terceiro ano também fiz no Pedro II. Continuei trabalhando, de modo que minha vida, com essa experiência de trabalhar e estudar a partir daquele momento, havia mudado com bastante intensidade. Estudava de manhã, trabalhava à tarde e jogava basquete à noite. Foi uma experiência muito interessante, porque tive que me virar sozinho, não precisava necessariamente dar dinheiro em casa, mas passei a cuidar do meu orçamento pessoal. Já não podia pedir dinheiro ao meu pai para comprar os meus discos de *rock*. Eu tinha que me virar com o que ganhava. Se quisesse uma calça *jeans* nova, era do meu dinheiro. Acabei não servindo o exército, conseguindo ser dispensado. Havia uma oportunidade de conseguir uma dispensa por causa da participação no esporte amador. Como jogava basquete, isso foi facilitado. Logo conseguiria entrar na universidade. Era um grande mistério para mim. Aliás, acho que continua sendo para muita gente que nunca entrou na universidade. É uma instituição meio inexpugnável. Eu teria que fazer um esforço muito maior para lembrar como me senti quando, pela primeira vez, botei o pé na universidade. Certamente, foi um impacto enorme a entrada na universidade. Isso acontece de um modo geral, mas acho que em particular aqui na FURB. Continuei trabalhando durante o dia, e agora em tempo integral, e estudava à noite. Fiz o curso de Ciências Econômicas. É importante lembrar que fiz o curso em quatro anos, na época em que isso era um sacrifício enorme.



As aulas eram, na época, das seis e vinte às vinte e duas e quarenta. Eram seis aulas engatadas. Então eu fiz em quatro anos, de 1980 à 1983, o curso de Economia. Guardo muito boas recordações, em particular uma influência muito forte do professor Nardin D. Lemke, que lecionou duas disciplinas. Ele era um terror para muita gente. Eu acho que até o final da passagem dele aqui no curso de Economia, era quase praxe reprovar 60% a 70% da sala. Mas eu nunca tive problemas com ele, tendo passado em todas as disciplinas, acho que em todas elas relativamente bem. O que vale a pena destacar é que, quando comecei a me engraçar pelo curso, ele estava terminando. Os primeiros anos foram de adaptação. Foi uma adaptação relativamente lenta, eu ainda estava preocupado com minha sobrevivência e uma independência maior de meus pais. Portanto, o trabalho era uma preocupação forte, porque tinha que continuar trabalhando. A universidade oferecia, na época, a oportunidade de participar do Festival Universitário da Canção, e me arrisquei a escrever alguns versos. Eu era muito jovem e achava que podia convencer alguém com os meus versos quando estava na universidade. Bem, acabei nos dois primeiros anos da universidade também participando do FUC. Em ambas as ocasiões, as músicas que inscrevi acabaram entre as doze finalistas. Mas, me diverti muito com isso. Neste momento, acho que há uma inflexão: comecei a gostar do curso do terceiro ano em diante. E aí eu senti essa influência muito forte do professor Nardin Lemke, que levou a Celso Furtado. Era uma referência entre os economistas da época. Hoje é forte ainda essa referência do Celso Furtado. É uma reserva moral deste país. É um intelectual que está acima de qualquer dessas coisas que a gente vê por aí. Eu tive contato com Furtado através do Nardin. E passei a gostar do curso. No último ano, como disse antes, quando estava ficando engraçado, eu estava tendo que ir embora. Mas aí descobri que tinha algo como pós-graduação. Pós-graduação, hoje, eu sei muito bem que é especialização, mestrado, doutorado. Como sempre fui muito curioso, rato de biblioteca, por exemplo, fui descobrindo que era possível fazer alguma coisa além do que, na época, se chamava faculdade. Essa pós-graduação, que na verdade era mestrado, se apresentava como uma possibilidade real... Só que... minha nossa, eu tinha que largar o meu emprego para fazer alguma coisa assim, eu teria que sair de Blumenau, era uma coisa complicada. Eu estava passando de minha segunda para minha terceira década de vida, estava na virada dos vinte da minha vida, vinte um, vinte dois, por aí. Eu já tinha lido alguma coisa de Paul Singer, que trabalhava na USP e na PUC, e fui ver se dava para ser aluno dele. No



início de 1983 participei de um curso de uma semana no Rio de Janeiro com um amigo. Era meu último ano de graduação. Botei na cabeça que queria fazer uma pós-graduação e aí as coisas ocorreram mais rapidamente. A dificuldade de sair me levou a fazer uma opção por Florianópolis. Florianópolis não tinha mestrado em Economia. Não me passava pela cabeça ir para Porto Alegre, eu queria ir para São Paulo ou talvez para o Rio de Janeiro. Eu havia conhecido o Rio de Janeiro em 1983, naquela semana que passei lá, fazendo o curso. Aquele ar acadêmico, as paredes pichadas, que eu não havia conhecido na FURB, isso tudo me fascinou. Como não podia sair, tinha várias restrições, fui ver o que é que tinha nas redondezas, Curitiba talvez, Florianópolis. Em Florianópolis tinha um mestrado em administração. O curso de mestrado em administração tinha quatro professores que haviam trabalhado com uma figurinha muito interessante, banida pelo regime militar e morando nos Estados Unidos, professor e pesquisador da University of Southern California: Alberto Guerreiro Ramos. Era um grande sociólogo que ajudou a fundar um dos mais importantes centros de estudos desse país na virada dos anos 1950 para 1960, junto com Hélio Jaguaribe, Nelson Werneck Sodré e outros – o ISEB. Bem, Alberto Guerreiro Ramos foi expulso do país e estava na Califórnia. Lá ele formou muitos brasileiros, foi orientador de muitas teses de doutorado de brasileiros. Quatro deles estavam vindo para o mestrado em administração da UFSC. Alguns deles conheciam um tema que tinha me chamado a atenção em minha graduação, a questão energética. Fui para Florianópolis e vi que ali tinha algum futuro. Mais que isso: ia me ser dada oportunidade de obter uma bolsa, o que significava que eu podia largar o meu emprego. Por via das dúvidas (eu era precavido) havia espalhado currículos por algumas empresas da redondeza. No emprego onde estava não tinha futuro. Ou melhor: com a minha graduação, eu teria um potencial maior. Então, se por acaso não desse certo essa história de pós-graduação, o mestrado em Florianópolis, eu certamente estaria trabalhando hoje em alguma outra grande empresa de Blumenau ou Gaspar.

B.S.R.: Ou Indaial...

I.M.T.: Ou Indaial. Bom, Florianópolis foi muito importante. Então, desse ponto de vista, dessa trajetória em que o centro tem sido a minha formação, há algumas coisas que talvez a se deva explorar do ponto de vista pessoal, familiar, social, político. Mas, essa ida para Florianópolis foi, no fundo, resultante de toda essa trajetória. Acabei indo para Florianópolis fazer uma coisa que eu gostava demais e que era, por assim dizer, o



coroamento daquilo que havia me despertado no terceiro ou quarto ano da graduação. Fiz mestrado em Florianópolis e foi bem interessante para mim. Fiz uma dissertação que me agradou muito, embora ache que não agradou aos meus leitores. Fiz uma dissertação de umas 420 páginas, em espaço um, de modo que possivelmente não mais que os membros da banca leram minha dissertação. Mas, foi uma pesquisa muito interessante. Ali senti a forte influência destes professores que tinham tido contato com Alberto Guerreiro Ramos nos Estados Unidos. Em particular, meu orientador, professor J. F. Salm, bem como o professor F. G. Heidemann, foram muito importantes. Acho que contribuíram bastante para a minha formação acadêmica, científica. O gosto pela pesquisa, isso vem desde o professor Clóvis Luís Machado da Silva, na época pertencente ao mesmo programa de mestrado em administração. Bem, a minha defesa aconteceu um pouco mais tarde. Entrei em 1984 e deveria concluir em 1986-1987, mas acabei só em 1988, por várias razões: duas longas greves na UFSC, duas enchentes entre 1983-1984 em Blumenau, o fato de que me casei em 1984, etc. Aliás, meu casamento em 1984 foi uma coisa muito importante para mim. Mas, fundamental foi que em 1986 comecei a trabalhar na FURB. Eu já tinha concluído os créditos e estava redigindo a dissertação. A dissertação estava ficando longa e a coisa se alongou até 1988, quando, finalmente defendi. Então, a minha passagem no mestrado em administração na UFSC durou de 1984 a 1988. Como disse, em 1986 começara a trabalhar, e trabalhar significou, entre outras coisas, entrar nessa nova situação. Eu estava começando a dar aulas, a ter que preparar aulas, a fazer uma coisa que era muito prazerosa, mas que me ocupava muito tempo. Eu me exigia muito. Com isso, tive que deixar a dissertação de lado. Bem, isso terminou, então, em 1988. Acho que até este período, até 1988, tem algumas coisas importantes que eu gostaria de destacar da minha vida pessoal. Em primeiro lugar um pouco antes da defesa da minha dissertação, nasce a minha filha – Hannah. E a Hannah tem este nome não de graça, a inspiração de Hannah Arendt é fortíssima. Eu tive que ler “Condição Humana”, que me marcou profundamente, em certo sentido mais do que as coisas de Marx. Então, a minha filha nasce em 18 de junho, um acontecimento importante na minha vida. Também tem uma outra coisa ao longo dos anos oitenta, e no meio dessa passagem da FURB para a UFSC, entre o fim da graduação e o início do mestrado, que foi o despertar político. As coisas vinham um pouco devagar. Eu fiquei contente, intimamente contente, por terem os estudantes da UFSC acertado a orelha do João Figueiredo em 1979. Quem sabe dos



fatos, sabe que aquilo era um pouco... a coisa estava entalada na garganta de todo mundo. Mas, eu não havia despertado ainda, tinha dezoito anos quando isso aconteceu, ainda estava no segundo grau, mas foi interessante. Eu sabia que não queria servir o exército por várias razões. Uma delas era que eu não achava legal treinar soldado para matar pessoas. Acho que era trauma de um jovem de 18 anos. Bem, eu estava de saco cheio do regime militar, da ditadura e tudo mais, e isso se manifestou pela primeira vez naquele momento, de uma forma totalmente despolitizada, mas me marcou. Em 1982, tivemos as primeiras eleições para governador e aí a minha consciência política sobre mais um pouquinho. Eu estava na universidade, um agito tremendo. Na universidade houve um debate, histórico, dos candidatos a governador, no anfiteatro do Bloco B ou C. Havia tanta gente que as pessoas, se espremendo, conseguiram quebrar vidros daquelas janelas grandes. As pessoas se acotovelavam para ver o debate. Neste debate eu vi o grande duelo entre os candidatos que estavam disputando realmente o governo de Santa Catarina. Eram Espiridião Amim, atual governador, e Jaison Barreto. Naquele momento, decidi fazer campanha para o Jaison Barreto. O cara era fascinante. Fiz campanha para ele e encontrei colegas que tinham o mesmo ponto de vista que eu, alguns que integraram grupelhos comunistas que ainda estavam no PMDB. O PT era ainda muito puro desse ponto de vista: tinha o MEP, a Libelu e os "igrejeiros". Mas, todos os grupelhos comunistas não legalizados estavam dentro do PMDB, dentro do que era a sobra do MDB. Fui, claro, assediado por eles, mas não cheguei a me filiar. E acabei depois tendo um contato mais estreito com alguns companheiros do MEP. Talvez o Marcel Siebert já tenha falado disso. Em 1982, então, temos eleições para governador e meu candidato é Jaison Barreto. Achava o cara fascinante. Isso é uma coisa que vale a pena destacar: normalmente, a gente condena a política personalista. A perspectiva de quem é "avançado" na política é de despersonalizar a política. Afinal de contas, todo ser é um ser político do ponto de vista Aristotélico e, ainda mais, dentro de um projeto de modernidade em que o ser humano é dono do seu próprio nariz. Mas, era inevitável: a gente ficava fascinado pelo Jaison Barreto, ainda mais vendo ele defender coisas que faziam muito sentido. Com todo o respeito, o Eurides Mescoloto, candidato do PT, era fichinha perto do Jaison Barreto. Era um camarada extremamente competente, sabia o que era Trilateral, sabia o que era a relação do capital financeiro internacional com os rumos da economia e da sociedade brasileira, o que era dependência. Ele era amigo dos grandes teóricos da dependência, um tal de Fernando



Henrique Cardoso. Ele era amigo do Fernando Henrique Cardoso, um sociólogo extremamente engajado, que denunciava na academia e, aos poucos também, na política, a dependência brasileira - e não o fiasco que a gente está vendo. Jaison Barreto, então, era uma figura que me chamou muita atenção. Eu ainda continuo acreditando que a gente não deve se pautar pela personalização excessiva da política: rostos, fotos, sei lá. Política é outra coisa. Política é uma ação consciente de cada ser humano emancipado. Se não tiver emancipado, que se dêem condições para que o cara se emancipe. Ele é dono do seu nariz. Agora, não há dúvidas de que um cara como o Jaison Barreto fazia uma grande diferença na estrutura política da época. Então, não me arrependo de, naquele época, ter personalizado um pouquinho a política, porque foi também o meu despertar, por assim dizer. O Jaison Barreto perdeu o governo de SC, por alguns poucos votos, para o Esperidião Amim. A gente soube depois que houve fraudes. Tem um livro, publicado pela FURB<sup>1</sup>, que mostra claramente as fortes suspeitas de roubo. Não sou eu que digo, são evidências concretas. A questão é que havia indícios, que acabaram se comprovando posteriormente. Muito bem, aí teve um outro evento que, do ponto de vista político, mexeu muito comigo: foi o movimento das diretas-já. E foi interessante: a eleição foi em 1982, em 1983 tomam posse os governadores eleitos, pela primeira vez depois de muito tempo. Em 1983, sobretudo no final de 1983, início de 1984, desencadeia-se um processo de conscientização de que também é preciso haver um presidente eleito pela via direta. Acho que as pessoas hoje não tem muita clareza do significado disso. Mas foi tudo muito bonito: mais de um milhão de pessoas na Praça da Sé, em São Paulo. Nossa, a gente fazia loucura: ia para Florianópolis, ia para Balneário de Camboriú... Aqui em Blumenau havia um comitê das diretas local. Eu tive um engajamento nisso. Foi um banho de consciência política, sem vínculo partidário. A frustração do colégio eleitoral foi muito grande. Agora, todo mundo ficou muito mais consciente do ponto de vista político. O povo na rua era a dimensão que faltava para mostrar que a política não era só gabinete fechado, só câmara de vereadores, assembléia legislativa e congresso nacional. Política era mais do que isso. Era essa outra dimensão da política, o povo na rua, exigindo os seus direitos, enfim. Como é que alguém pode decidir em nome da gente? Foi ali que a coisa se tornou um pouco mais clara. Em 1986 e 1987 aconteceu um novo fenômeno, também muito interessante: a mobilização em torno de uma constituinte que resultou, em 1998,

<sup>1</sup> AGUIAR, I. (1995) *Violência e golpe eleitoral: Jaison e Amim na disputa pelo*



na promulgação da constituição da república. Ela foi promulgada no dia 5 de outubro de 1988. Eu me recordo dessa data por que no dia 6 de outubro eu defenderia a minha dissertação de mestrado. Existiam algumas pessoas identificadas com os interesses democráticos e populares. Uma dessas pessoas ficou muito próxima da gente na academia: Wilson Souza. Já não havia o perigo de me deixar dominar pelo personalismo, não tinha mais o perigo de ficar venerando um Jaison Barreto, ou outra pessoa. O Wilson Souza foi uma referência importante por que, além de um discurso muito interessante, de vir de uma fração da burguesia emergente, de uma família de empresários, na origem ele era muito simples, talvez tão pobre ou mais do que eu era. A família dele ascende rapidamente. Mas, questiona muitas coisas que ele próprio vivia. Acho que era sincero nisso. Ele questionava isso e tinha, adicionalmente, uma base intelectual fabulosa. Fazia mestrado em direito e tinha uma leitura muito apurada, bem fundamentada e, simultaneamente, crítica da realidade. Isso tudo me levou a considerá-lo uma figura central. E ele realmente não decepcionou: foi um dos poucos deputados que, na constituinte, foi considerado nota 10 pelo DIAP. O DIAP é uma entidade, acima de qualquer suspeita, que mede o desempenho dos deputados do ponto de vista dos interesses da sociedade. O Wilson foi protagonista da criação do MUP – Movimento de Unidade Progressista. Ele levou muitos parlamentares do PMDB, como José Serra, Fernando Henrique, Mário Covas – e não sei mais quem – para o MUP. Ele fazia debates e chamava economistas e sociólogos para fundamentar os argumentos do MUP. Uma das pessoas freqüentemente convidadas era Dércio Garcia Munhoz, um economista da UnB muito respeitado. Em 1988, exatamente no dia do nascimento de minha filha, nasce, informalmente no Brasil inteiro, um novo partido. No dia 24 de junho de 1988, ele nasce formalmente e é batizado – o Partido da Social-Democracia Brasileira, um partido que, pelos seus membros originais e por sua proposta avançada, teve apoio de gente como Florestan Fernandes. Era a centro-esquerda de que o país precisava: não populista como o PDT, não entreguista como o PTB, mas também não tentando disputar um espaço que era mais do PT (na época, mais à esquerda), com certeza longe de um partido como o PMDB, que estava, por assim dizer, conspurcado pelo vírus governista, viciado. Entretanto, o PSDB, em três anos, mostrou que se tornaria pior do que o PMDB. O PSDB, essa é a minha avaliação pessoal agora, se tornaria pior do que o PMDB. O PMDB ainda conseguia resistir a muitas coisas em



função da história, que ainda bate muito forte hoje. O PMDB demorou muito para se entregar, mas ainda não se entregou totalmente. O PSDB se entregou, o PSDB se abraçou com o PFL já em 1994 em nível nacional. Em nível regional, já em 1992. Eu me filiei, pela primeira vez, a um partido político, por causa de Wilson Souza, por causa de Fernando Henrique Cardoso, por causa de Mário Covas, por causa de gente assim. Fui para o PSDB e isso me marcou muito. Só que, também rapidamente, fui vendo os limites dessa opção. Formalmente, entreguei a minha desfiliação à Justiça Eleitoral, no Fórum de Blumenau, em maio de 1991. Fui lá e entreguei a carta – estou fora. Assim foi a minha curta passagem por um partido político. Eu acho que não tem necessidade de participar da política partidária para ser político, para fazer política. Hoje eu estou mais próximo daqueles que continuam defendendo as mesmas bandeiras dos anos oitenta, aquelas que acham que é importante haver certas mudanças no país, em Santa Catarina ... O PSDB não é opção para isso, definitivamente não é. Bem, é isso, do ponto de vista, da trajetória política que, acho, vem desde o tapa na orelha do João Figueiredo até mais ou menos o momento em que embarco para a Europa para fazer o meu doutorado. Essa é, por assim dizer, minha trajetória de formação cultural, intelectual e, também, um pouco de política.

B.S.R.: Eu acho que aí você procura sempre fazer uma ligação com a universidade, aqui em Blumenau. Esse distanciamento e essa vinda, como foi?

I.M.T.: Eu estava imaginando fazer uma espécie de síntese da minha atuação dentro da universidade com isso que estava falando agora como pano de fundo. Voltando então: em 1986, entro na universidade, entro no departamento de economia. Não havia concurso na época. Começo lecionando uma disciplina da área de Contábeis no curso de Administração, embora pertencesse ao departamento de Economia. Uma disciplina que nunca tinha lecionado na vida e que também nunca tinha tido como aluno, nem na graduação e nem no mestrado. Isso me mostrou que a universidade estava em situação precária do ponto de vista do seu quadro docente. Lecionei também uma disciplina de economia no curso de engenharia. Uma coisa que me marcou muito, nesse início de carreira docente, foi o fato de que deixei alunos em exame por 7,4; marcou, por que depois vi que é difícil distinguir 7,4 de 7,6. O que, efetivamente, mostra que o cara que tirou 7,6 sabe mais que o cara que tirou 7,4? Ninguém consegue explicar isso. Mas, estava apegado a um método ultrapassado de avaliação, baseado nas dimensões mais quantitativas. Eu deixei muita gente em exame por 7,4. Hoje em dia, acho que as coisas



não são mais assim. A FURB se transformou muito ao longo dos anos oitenta. Em 1986, houve o reconhecimento da universidade. Eu estava aqui dentro quando isso aconteceu. Eu estave aqui dentro quando aconteceu a mudança mais estrutural, com uma participação mais efetiva da comunidade acadêmica: a escolha de reitor. O professor José Tafner saiu vitorioso e foi reitor até o ano de 1990. A participação da comunidade acadêmica vai crescendo. Na minha visão atual, a atuação que tive na época era deprimente. Isso se explica, em primeiro lugar, porque eu era novo e não conhecia a realidade interna. Eu era um ignorante da política universitária. Um outro motivo importante é que eu estava envolvido com a minha dissertação de mestrado. Em terceiro lugar, por que não havia referências para política interna, isto é, não havia "candidatos de esquerda". Definitivamente, não havia possibilidade de ter um candidato de esquerda. Isso vai mudar apenas em 1990. Em 1987 ou 1988, conheci uma figura chamada Carlos Cardoso. O Cardoso era professor de Educação Física, barbudo, um agitador de primeira. O Cardoso é a figura, de meu ponto de vista, que dá a virada. Novamente, é sempre um grupo de pessoas, é sempre um processo de tomada de consciência, de crescente atuação política. O desafio era mobilizar. Como é que a gente se mobiliza? Isso eu não tinha claro. Eu sabia o que era mobilizar estudante, que não tem o mesmo tipo de compromisso: mobiliza-se o centro acadêmico, o DCE. Disso eu até tinha uma idéia. Mas, como professor, eu não sabia. Então, o Cardoso disse o seguinte: na universidade existem várias instâncias de poder e é preciso que a gente ocupe essas instâncias, ocupe e as torne, tanto quanto possível, permeáveis ao controle de toda a comunidade acadêmica. Esse é o grande desafio que se coloca ainda hoje. Estou na administração superior e espero que a minha atuação seja no sentido de ampliar o espaço democrático da universidade. Isso é um compromisso. Isso veio daquela época. Ninguém nasce feito, com uma visão de mundo desse tipo. É forjado na realidade. E o Cardoso chamou atenção para isso. E o que é que conta? De um lado, tem estudante, funcionário, professores. Isso é um ponto de partida. De outro lado, tem reitor, vice-reitor, os diretores das faculdades, chefes de departamento e coordenadores de colegiado. Então, dentro de cada micro-cosmo, há um poder concentrado, e esse poder pode ser distribuído, pode estar a serviço de uma outra causa que a da perpetuação das mesmas pessoas, sempre se beneficiando, tendo suas vantagens. Temos que ter, portanto, uma burocracia moderna, no sentido weberiano, regras claras. Nós, estudantes, professores e funcionários, vamos mexer com todas as hierarquias



com que finalidade? Para melhorar o ensino, a pesquisa, a extensão. Nós vamos fazer alguma coisa que represente o nosso engajamento nas mudanças da sociedade, da comunidade local e regional. Vamos colocar a Universidade a serviço da comunidade. É isso que queremos. E para isso precisamos de professores bem titulados, conscientes, bem pagos (de preferência, que os estudantes não paguem: se pagarem, que seja pouco). Aí, aos poucos, foram sendo feitos vários contatos e o grupo foi crescendo e tomando forma. Entre os estudantes, tiveram participação excepcional: João Krein, Fabrício Tomio e outros estudantes vinculados ao Centro de Ciências Humanas, em particular aos cursos de Ciências Sociais e Serviço Social. Seria injusto se citasse mais nomes de estudantes; mas, esses eram fundamentais, esses eram realmente indispensáveis nas nossas conversas. Entre os funcionários havia vários com os quais a gente se relacionava, mas a figura já conhecida de outras viagens era Marcel Siebert. Eu conhecia o Marcel desde a graduação: ele chegou a ser vice-presidente do DCE numa chapa com o hoje professor Nemetz. O Marcel estava, na época, vinculado ao MEP. Teve um episódio muito interessante: em 1983, ele estava tentando me levar para o MEP, o que acabou não conseguindo. Mas, nós dois nos empolgamos muito com a derrubada da cerca do palácio do governo de São Paulo, logo após a posse do Franco Montoro. Tínhamos coisas em comum. O Marcel era, portanto, a figura-chave para repensar a universidade. Depois, os professores foram aparecendo também: o Valmor, a Vilma, antes disso a Suzana. A Suzana estava voltando de seu mestrado em Minas Gerais. Esse grupo, de cinco a dez pessoas, pula para dez, doze, quinze pessoas. A gente se reunia uma vez por semana em vários lugares da universidade. Um dos lugares onde a gente se reuniu mais vezes foi na casa do professor Cardoso. Essas conversas giravam em torno do que mencionei antes, isto é, como ganhar poder não para detê-lo, mas para colocá-lo a serviço de mudanças. Que tipo de mudanças? Mudanças que visassem a melhora do ensino, da pesquisa e da extensão, melhores condições de trabalho, melhor qualificação. Então, ganhar poder para executar um projeto de universidade alternativa. Isso tudo desemboca na candidatura de Ávila e Clarice, em 1990. Essa campanha foi uma das coisas mais bonitas que a gente já fez. A campanha foi uma coisa muito louca. Nós tínhamos muito claro que tipo de projeto de universidade nós queríamos: nossa universidade tinha que ser, ao mesmo tempo, democrática e competente. Democracia e competência eram os dois elementos fundamentais. A democracia era dada pela ampliação do espaço público, pela



participação efetiva dos estudantes e dos funcionários, além dos professores. O que mais precisamos? Precisamos de decisões mais ágeis, com a participação de todo mundo, sobretudo dos interessados. Acho que, hoje, estamos muito avançados, mas vamos ter que avançar ainda mais. // Se estamos numa situação interessante é por que isso tudo resultou de uma conquista árdua, árdua, árdua. E competência, esse termo tão amplo, qual era o significado de competência para esse grupo? Basicamente, dar aulas de boa qualidade, não tratar o estudante como aluno, mas como ser humano que vem aqui como estudante. Aluno é um ser passivo. Estudante é sujeito, dono de sua própria história. Ele vem aqui, quer participar de um processo de transferência e transmissão de conhecimento, um processo mais amplo que a gente chamaria de processo de ensino-aprendizagem. A idéia era a de um compartilhamento de conhecimento gerado, de preferência, de forma coletiva. Isso fazia parte dos nossos objetivos. Havíamos lido Cristovam Buarque, Paulo Renato Souza e José Goldemberg, reitores que, na época, administravam respectivamente, a UnB, a UNICAMP e a USP – e Marilena Chauí. Nós víamos que eles estavam fazendo uma coisa muito interessante nessa linha de não tratar o estudante como um cara alienado. Com eles, a universidade servia para o cara se forjar como um ser histórico, além de também torná-lo portador do conhecimento técnico com o qual ele teria que sobreviver. Mas, também tinha a preocupação com o exercício da cidadania, com a necessidade da pesquisa melhorar, com a inserção da universidade na comunidade. Isso tudo requeria muitas coisas, entre elas qualificação. Precisávamos, pois, de mais mestres. Hoje, precisamos de mais doutores. Na época, tínhamos claro que, sem política de qualificação docente, ficaríamos no meio do caminho. Talvez tenhamos começado um pouco tarde, mas essa avaliação a gente só pode fazer depois que a história aconteceu. Isso vai até 1990. Nós temos, então, o engajamento dessas pessoas que citei e de outras mais. É fundamental que se lembre, aqui, dos professores Cardoso, Valmor, Clarisse, Ávila e Suzana, do Marcel, do João e do Fabrício – pessoas-chave. Tem outras pessoas que certamente estavam muito perto da gente, como o Vilmar Vidor. O Vilmar teve uma participação muito interessante. Quando vem a eleição, nós éramos desconhecidos, mas demos competência: viemos com um professor de Educação Física, não necessariamente um curso muito prestigiado. E esse professor de Educação Física é competente no debate, com todos os dados à mão. Isso é muito interessante: na nossa campanha, nós buscávamos todos os dados necessários para argumentar, sempre em cima dos fatos. Nós sabíamos quantos



professores existiam na universidade, quantos tinham titulação e tudo mais. Quando o Ávila e a Clarice participavam de debates, estavam muito bem preparados. A eleição foi perdida para o professor Celso Zipf, mas acho que a universidade ganhou muito. Houve uma herança desse grupo. Os quatro anos do professor Celso Zipf, que não era o reitor que a gente queria, foram quatro anos distintos dos quatro anos anteriores, melhores do ponto de vista da qualidade. Por exemplo: a qualificação docente dá um salto, a estruturação do sistema de pesquisa inicia para valer, há um início de política de extensão que vai desembocar, na gestão passada, na estruturação de uma pró-reitoria para essa atividade. A pós-graduação, que se resumia a cursos de especialização, sobretudo conveniados, vai ganhar um novo fôlego com o Mestrado em Educação. Enfim, essas coisas vão acontecendo nesses quatro anos. Muitos professores saem para fazer qualificação docente, vão fazer mestrado e doutorado a partir do ano de 1990 – e isso é uma coisa fabulosa. Começamos tarde, mas começamos aí. E isto levou a outras perspectivas. As pessoas que saíram vão viver outras universidades. Atuar eternamente na academia obscurece o fato de que ela é tão dinâmica que não pode ser vista funcionalmente. É preciso vê-la com todas as suas contradições, resguardado ainda o fato de que a nossa instituição é extremamente limpinha, higiênica, bem arrumada. Faz parte. Não mudamos isso da noite para o dia. Não é o pró-reitor de graduação ou o pró-reitor de pesquisa que vão pichar as salas. Isso não teria resultado nenhum, a não ser a minha demissão. A questão é outra. Então, quando alguém sai para fazer qualificação docente, vai fazer mestrado ou doutorado, por exemplo, numa universidade federal ou outra, e vai ver que universidade é outra coisa, que é mais do que isso que se conhecia até então. E quando volta, volta com qualificação, volta com cultura, volta com uma visão de mundo transformada. Acho isso fundamental para pensar nas coisas que vão acontecendo ao longo dos anos. Então, é essa a trajetória até 1990. Mas, ficou claro para mim que eu deveria sair, não só dizer que é importante fazer qualificação docente, mas eu mesmo me qualificar. Vendi carro, vendi casa, passei um sacrifício danado. Levei família, fui morar em um país cuja língua todo mundo achava que eu falava desde sempre (na verdade, não falava e, sobretudo, não escrevia). Foi muito interessante essa experiência. Mas, voltemos um pouco: entre 1986 e 1992 atuei no ensino de graduação e, aos poucos, também fui me aproximando do IPA – na época, Projeto Crise. Já era uma referência em termos de pesquisa. O grupo era competente, formado na sua ampla maioria por professores que já tinham mestrado. Desenvolvi-



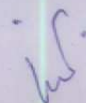
se trabalhos em grupo. Isso para mim era uma grande novidade. Vi isso no mestrado, mas na FURB não, pelo menos até aquele momento. Já havia o Instituto de Pesquisas Sociais. O professor Rivadávia, seu diretor, tinha desencadeado um processo de organização do instituto. Com o professor Sálvio Müller, deu-se um salto no IPS. Um verdadeiro pesquisador, nesse sentido, era o Vilmar Vidor, um pesquisador que talvez produziu mais que todo mundo; mas, lá eles trabalhavam todos isolados, não em grupo. No caso do Projeto Crise, havia a discussão de um grupo, havia uma preocupação em grupo, e o trabalho era interdisciplinar, de pessoas de diferentes áreas do conhecimento. Esse grupo, na época, era muito bom, muito interessante. Era pequeno, mas tinha uma preocupação honesta, séria. A professora Beate, diretora, me incumbiu de fazer dois diagnósticos. Um deles eu consegui fazer, o sócio-econômico; o energético, o outro, ficou esperando verbas do famoso FUNCITEC – que nunca vieram. Aliás, as verbas do FUNCITEC não vieram até hoje. Depois disso, fui para o doutorado. Bem, esse envolvimento com o IPA foi gradual. Teve um momento em que eu estava bastante envolvido. Em 1991, meu último ano antes de sair para o doutorado, já fui assinando todos os meus artigos, minhas contribuições científicas, como pesquisador do IPA. Isso me enchia de orgulho. Bem, em 1992 vou para Tübingem fazer o meu doutorado. Eu saí de Blumenau em março de 1992, comecei a fazer um curso intensivo de seis meses de alemão, ao final do qual eu tive que fazer uma prova chamada PNDS, que selaria a minha sorte: eu entraria ou não para a universidade. Na academia alemã só pode estudar quem é emancipado do ponto de vista da língua. E, portanto, tem que passar pelo PNDS; o PNDS é rigoroso, é muito rigoroso. Passei, claro, porque o preparo era muito bom. Tive a oportunidade de fazer um curso de seis meses de alemão no Instituto Goethe. A Universidade custeou o meu afastamento, mas o curso do Instituto Goethe, esse ganhei de graça. Fui bolsista do DAAD. Outra coisa muito interessante: não desfrutei de recurso público brasileiro para fazer a minha qualificação. A FURB me ajudou demais, mas não o governo brasileiro. O doutorado significou para mim um sacrifício enorme. Passei quatro anos e tanto sem carro, morando de aluguel, pagando um aluguel caríssimo. A adaptação foi lenta. Para o brasileiro, de um modo geral, é difícil morar na Europa, é mais fácil em outros países. Eu comecei, então, para valer, em outubro de 1992, quando começa o semestre acadêmico, o ano acadêmico na Europa. Tive uma fase de nivelamento, durante um ano, mais ou menos. Um ano depois, fiz as provas de nivelamento. Só então comecei a fazer o trabalho de pesquisa –



e aí mais assistindo aulas como ouvinte para me preparar para a pesquisa. Esse trabalho todo foi facilitado pela figura excepcional do meu orientador, professor Gerd Kohlhepp. O professor Kohlhepp mantém contato conosco até hoje. Temos um contato estreitíssimo: de dois em dois anos ele vem para Blumenau. Ele facilitou a minha vida não apenas como orientando dele, mas como estudante na Universidade de Tübingen e, também, como cidadão brasileiro vivendo na Alemanha. Ele é um brasilianista, que vive o Brasil muitíssimo, conhece o Brasil, adora o Brasil, e sabe o que é um brasileiro viver na Alemanha, até porque não fui o único orientando dele. O doutorado em si, com a fase de nivelamento, durou um ano. Depois eu tive uma fase de preparação para a pesquisa, com participação mais forte do meu orientador. Em fins de 1994, eu estou preparado para vir para o Brasil fazer a pesquisa de campo. Entre outubro de 1994 e fevereiro de 1995 faria minha pesquisa de campo no Brasil. Meu tema de tese era "Desenvolvimento e Energia no Vale do Itajaí." Cabe lembrar que a Universidade de Tübingen me deu apoio (os recursos de pesquisa eram limitadíssimos), o DAAD me deu uma ajuda adicional, a FURB me deu o espaço físico (onde eu podia analisar os dados), uma mesa e um computador (isso já nas novas dependências do IPA, sob a direção do Professor Hélio). Bem, foi muito interessante ter feito essa pesquisa de campo, dois anos e meio depois de ter saído do Brasil, voltar para cá, com o Fernando Henrique eleito. Ele se elege em 1994 – não participei do processo eleitoral. Ver o Brasil cheio de esperança no início do governo FHC era muito interessante. No entanto, logo as coisas foram se mostrando mais claramente, que a candidatura dele havia sido um acerto com o FIESP e outras coisas mais. Então, se passou a perceber um crescente questionamento do futuro do país. Até quando saí do Brasil, em 1992, acho que estava muito forte essa idéia de que o Brasil poderia mudar e melhorar. Viver na Alemanha me mostrou uma outra coisa, uma referência distinta: as coisas que devem ser feitas, são feitas com consulta, com participação. Quem não está afim, não tem problema, mas há acesso às informações. Quem quiser saber de alguma coisa, fica sabendo; os canais de televisão transmitiam as sessões do parlamento; é um direito do povo ficar sabendo o que está sendo votado, o que está sendo debatido. Para decidir se padarias podiam abrir aos domingos de manhã, houve uma discussão de mais de meio ano no parlamento. Porque? Por que isso implicava não só no sono do padeiro, mas em tirar nota fiscal, nos interesses das pessoas. Aqui não se fala de direito de cidadão, se fala do direito do consumidor. Talvez se devesse refletir sobre a conveniência de deixar as



padarias fechadas no domingo de manhã. Porque é que tem que ter padaria aberta no domingo de manhã? Então, isso também foi forjando minha visão de Brasil. Quer dizer, vendo o Brasil de fora e tendo essa experiência ... Então, quando cheguei aqui, em 1994, as pessoas tinham essa esperança em FHC, um cara competente, sociólogo, doutor, doutor *honoris causa* de várias universidades, escritor de diversos livros publicados em muitos países do mundo, amigo de tantos governantes. O engraçado é isso: ter vivido fora durante esse período de dois anos e meio e me tornar pessimista em relação ao Brasil, em relação ao futuro do país. Esse pessimismo não é o pessimismo da ação, como diria o Gramsci, mas é um pessimismo do ponto de vista político: você não vê outras alternativas. Aí passei aqui esses quase cinco meses, fazendo a pesquisa de campo, recolhi um material maravilhoso. Entre outras pessoas que me ajudaram muitíssimo estava o Valmor, na época fazendo doutorado em sociologia política na UnB. Ele conseguiu material lá para mim; eu não tinha dinheiro para ir a Brasília e juntar material. Voltei para a Alemanha e lá comecei a elaborar a tese. Com os dados tabulados, passei a escrever a tese; a perspectiva era entregar até o final de 1996, defender e ir embora. Entretanto, um acontecimento importantíssimo teria lugar na minha vida: a doença de minha mulher. Exatamente no dia em que nasceu meu filho, 15 de fevereiro de 1996, ela teve uma crise; descobriu-se que ela tinha um tumor. E o tumor da minha mulher significou que ela tinha que fazer uma operação. Houve várias tentativas de se solucionar o problema, mas a solução final foi a intervenção. Isso também ajuda a me forjar como ser humano. Eu passo a cuidar das minhas crianças, um recém nascido, tenho que suspender o trabalho da tese; estava na Alemanha sem muitos amigos, tinha que lidar com o hospital, minha mulher estava correndo perigo de vida. Era um negócio meio complicado. E acaba dando certo. Minha mulher sobrevive. Bem, acabo minha tese só em janeiro de 1997. Mas, tenho que voltar para o Brasil para trabalhar. Já tinha esgotado meu prazo. Voltaria em junho de 1997 para fazer a defesa. Mas, esse é um fato importante que terá influência enorme na minha formação como ser humano, como indivíduo. Tive que conviver com a circunstancia da convalescência de minha esposa. Do ponto de vista do meu doutorado, tem duas coisas que acho importante ressaltar aqui: eu fiz a melhor formação acadêmica que poderia fazer, dentro das condições que eu tive. Foi um salto na minha vida, indescritível. Agora, também aprendi muito vivendo a questão da cultura, essa bagagem cultural, acho que foi da maior importância para mim, tão importante, talvez, quanto ter feito o doutorado fora





dos país. E essas coisas todas que vivi fazem parte desse contexto. Um outro aspecto a que queria me referir diz respeito ao conteúdo do que eu fiz. Desde o fim da minha graduação, eu me perguntava em que medida a energia condicionava a vida das pessoas. A energia de que falo é a que os físicos definem como tudo aquilo que é capaz de realizar trabalho – a definição mais elementar de energia. Eu gasto energia quando desloco a xícara de café até a minha boca. O automóvel só se desloca, não porque se acelera, mas porque tem gasolina no tanque. Sempre que se quiser andar de automóvel, será preciso de gasolina no tanque. A circunstância de apertar o acelerador é um outro movimento energético, que está ligado ao corpo. A pergunta fundamental era: como é que a economia sobrevive, considerando os seus limites energéticos? Os limites energéticos... Escrevi um livro curto sobre o assunto, menos de cem páginas, mas suficientemente didático para fazer sentido às pessoas que não lidam com isso. Tem a ver com a forma como a economia organiza o processo produtivo. Então, a minha pergunta fundamental era, e continuou sendo, por muitos anos: como a economia lida com um recurso, limitado pela lei da entropia (segundo princípio da termodinâmica)? Em poucas palavras, não se pode produzir nada, não se pode realizar trabalho, se não houver uma fonte de energia. Por exemplo: como produzir café, xícaras, telefones se não houver energia? A energia de que nós dispomos é limitada, e a fonte última de energia se chama sol. E o sol, vem para cá e se transforma em energia mais útil quando movimentada as águas. Aí, por exemplo, a gente pode gerar a hidreletricidade. Daí vem a eletricidade, até que a gente aperta o botão e acende a luz. A energia do sol também faz os ventos acontecerem. Temos a possibilidade da energia eólica ou podemos captar diretamente a energia solar através de células fotovoltaicas. Na verdade, usamos hoje uma energia solar que está enterrada debaixo do solo, que é petróleo, gás natural etc... São as plantas e os animais que acabaram sendo processados ao longo de milhões de anos. Estão lá embaixo e são, na verdade, um produto da fotossíntese, sol + clorofila, que acaba gerando o crescimento das plantas; as plantas crescem e entram na cadeia alimentar; depois de milhões de anos, geram o petróleo. Muito bem, então o sol é a fonte última de energia. Minha pergunta: como é que a economia encara isso? A economia encara isso muito mal. Eu escrevi alguns artigos sobre isso; portanto, tenho alguma produção científica sobre o assunto; a minha tese considera um caso muito concreto – o do Médio Vale do Itajaí. Esse é o segundo aspecto relativo ao conteúdo: ali achei algumas respostas a problemas que me colocava, a hipóteses que me colocava



desde o final da minha graduação. Então, esse ciclo fechou na minha vida. No próprio doutorado, já fui antevendo coisas que viriam me ocupar quando de meu retorno, e o meu objeto de pesquisa passou a ser “desenvolvimento regional”. Desenvolvimento regional é um assunto novo, que está ligado à globalização, à incapacidade dos governos lidarem com fronteiras que hoje já não servem para regular capitais, apenas para frear o fluxo de trabalhadores. O trabalho está limitado, senão os Albaneses invadiriam a Itália e se teria uma super-oferta de mão de obra para trabalhar na Fiat. O trabalho se limita, o capital não. Este se desloca, inclusive virtualmente, bilhões, trilhões de dólares, virtualmente. Então, isso leva ao seguinte: onde é que a gente pode resolver os problemas? Localmente! Localmente, como? Então, essas são as perguntas que se fazem dentro dessa nova perspectiva. Os agentes que promovem esse desenvolvimento regional podem conversar entre si... Há muitos problemas, mas, como pesquisador, me sinto a vontade para lidar com isso. Tive um bom treinamento para isso em meu doutorado. E a minha produção recente já aponta para essa nova problemática. Enfim, tive uma formação muito boa, e a minha experiência cultural e de vida na Europa também foi muito interessante. Foi, talvez, tão importante quanto a própria formação acadêmica que o doutorado me proporcionou. Quanto ao conteúdo de minha formação, o que realmente queria pesquisar e descobrir, é o que relatei e expliquei. Então, teve a transição para essa nova proposta. E aí eu volto para o Brasil!

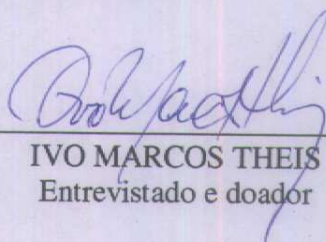


## TERMO DE DOAÇÃO

Pelo presente documento, eu IVO MARCOS THEIS, cedo ao CEMU- Centro de Memória Universitária, da Universidade Regional de Blumenau, todos os direitos de uso e divulgação que me corresponderem, do conteúdo de gravação em fita de vídeo, em fita magnética e transcrição literal, em documentos anexos e por mim rubricados, concedida aos integrantes do "Projeto Universidade Regional de Blumenau e sua História", Professor Balbino Simor Rocha e Ricardo Machado, em data de dezesseis de agosto de dois mil, 16/08/2000, na cidade de Blumenau, composto de fita de vídeo, fita cassete e transcrição literal.

Declaro também que, pela natureza do trabalho apresentado, o conteúdo das gravações pode ser consultado sem restrições por pessoas qualificadas e devidamente acreditadas, a partir desta data.

Blumenau, 10 de setembro de 2001.

  
\_\_\_\_\_  
IVO MARCOS THEIS  
Entrevistado e doador

\_\_\_\_\_  
Testemunha